#### PROJETO DE LEI N° 53/2021

***Institui 2021 o “Ano Municipal de Maria Taveira”, nomeia “Madrinha” do Turismo do Município de Carmo do Cajuru/MG e dá outras providências.***

*Os Vereadores da Câmara Municipal de Carmo do Cajuru, Estado de Minas Gerais, que o presente subscrevem, no uso de suas funções administrativa e legislativa, consoante lhes facultam a Lei Orgânica Municipal e o Regimento Interno deste Poder Legislativo, apresentam o seguinte Projeto de Lei:*

**Art. 1º.** Fica instituído no âmbito do município de Carmo do Cajuru, Estado de Minas Gerais, o ano de 2021 como o “Ano Municipal de Maria Taveira”.

**Parágrafo único.** O Poder Público Municipal deverá inserir nos anais oficiais do município a instituição prevista no *caput* deste artigo.

**Art. 2º.** Fica nomeada Maria Taveira como “madrinha” do Turismo no município.

**Art. 3º.** Fica ainda instituído o dia 24 de abril de cada ano como o “Dia Municipal Maria Taveira", passando a integrar o calendário oficial de eventos do Município.

**Parágrafo único.** Na data prevista no *caput* deverão os Poderes Executivo e Legislativo promover ações culturais que resgatem e preservem a memória da homenageada.

**Art. 4º.** Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Carmo do Cajuru, 30 de agosto de 2021.

**Anthony Alves Rabelo**

**Vereador**

**Sebastião de Faria Gomes**

**Vereador**

**Débora Nogueira da Fonseca Almeida**

**Vereadora**

**JUSTIFICATIVA**

Estabelecer o ano de 2021 para a memória de Maria Taveira no município de Carmo do Cajuru, ano em que se marca o centenário de sua morte, é um ato de respeito e valorização de momento especial para esta terra. A biografia desta mulher negra, filha de escravizados, engradece o povo e a história cajuruense e é digna de todo reconhecimento, honra e prestígio em nosso Município.

Maria Taveira era considera santa pelos seus contemporâneos. No início do século XX, entrou para a história local quando o arraial recebeu centenas de visitantes que para cá acorriam em busca de curas milagrosas a diversos males e doenças. Parte das doações que recebia era destinada para a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo.

Maria Taveira era uma pessoa especial que recebeu um dom mediúnico divino de compaixão e resiliência. A criação desta efeméride visa preservar e promover a sua memória para que ela não se perca com o passar do tempo, e, sobretudo, para que se faça justiça com o devido reconhecimento que lhe fora negligenciado. Portanto, ela deve ser reconhecida como a Madrinha do Turismo de Carmo do Cajuru e o ano de 2021 reconhecido como o Ano Municipal Maria Taveira para que sua história e memória possam trazer ainda mais bênçãos a essa atividade tão importante para o Município.

**Memorial de Maria Taveira**

Maria Taveira dos Santos, nascida em 24 de abril de 1845, filha de Joaquim Taveira dos Santos (conhecido por Joaquim Africano e também por Joaquim Negro da Costa da Mina) e de Joana Tavares dos Santos (conhecida por Joana Taveira). Foi batizada pelo padre José Fernandes Taveira, dono do escravo Joaquim Africano.

Na casa do padre Taveira, recebeu educação moral e religiosa. Não foi ensinada a ler, mas recebeu muitos conhecimentos de seu mentor. Era disposta ao trabalho, honesta, generosa, simples... participava das missas aos domingos e vivia em orações.

Em maio de 1862, aos 17 anos, Maria Taveira casou-se com Antônio Policárpio, com quem teve dois filhos: Augusto (que teve duas filhas: uma casada com Mané Sapé, e outra, com Titonho) e Joaquim, que saiu de casa aos 15 anos, e, anos depois, foi morto pela polícia imperial ao resistir à prisão.

Depois que ficou viúva, ainda jovem, durante muitos anos, ela e seu filho Augusto trabalharam na fazenda de Joaquim José Rabelo, na Contendas. Era famosa por seus doces, bolos e biscoitos, sendo requisitada por várias famílias locais.

Entre os anos de 1906 e 1921, paralisada numa cama, em razão de um derrame, começou a revelar poder sobrenatural de curas de pessoas e animais, percepção extrassensorial e visão remota, o que atraia centenas de visitantes ao lugarejo, em busca de seus dons e milagres. Vivia em meditação e rezava o Terço várias vezes ao dia e à noite. Não havia flores em seu quarto, mas na sua presença sempre havia o suave perfume de rosas.

A casa onde ela mais viveu ficava um pouco “afastada da estrada de Maribondo, onde é hoje dos Salomés” (segundo o historiador Oswaldo Diomar).

Os testemunhos antigos dão notícias de que, nas meditações que fazia ao meio-dia, ela cantava hinos religiosos, que aprendeu quando criança na casa de padre Taveira, e tinha visão de um anjo, que se acervada de seu leito, e lhe atendia os seus pedidos ou lhe dizia quais não podiam ser atendidos. Eram seus momentos de divinal alegria; extática, erguia os braços em saudação.

Relatos de sua atenciosa cuidadora, dona Maria Marra de São José, viúva de Elísio Batista Leite, davam conta de que ela vestia roupas brancas, símbolo de paz e de pureza, gostava de uma simples blusa branca e leve, por cima de uma combinação e só se alimentava depois que o anjo se esvanecia. Sua cama era coberta de lençóis e colchas brancas.

Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, em missão eclesiástica, visitou o arraial e testemunhou as práticas de Maria, observando que seus dedos estavam calejados de tanto orar:

 — “A senhora reza muito, minha filha. Mais do que eu!” — teria dito dom Silvério, admirado.

Maria morreu em 24 de setembro de 1921, aos 76 anos, mantendo uma aparência angelical com leve sorriso. Durante seu velório, o suave perfume de rosa se manteve no ar.

Centenas de pessoas acompanharam seu sepultamento, que ocorreu no cemitério do Bonfim, em cova profunda, próximo do canto esquerdo, a pedido do padre José Alexandre de Mendonça.

**Flávio Flora**

DIOMAR, Oswaldo. História de Carmo do Cajuru. 2ª ed. Divinópolis: Graf. Sidil, 2000.

**Anthony Alves Rabelo**

**Vereador**

**Sebastião de Faria Gomes**

**Vereador**

**Débora Nogueira da Fonseca Almeida**

**Vereadora**

Carmo do Cajuru/MG, 30 de agosto de 2021.